

O Conceito de Habituação na Alegoria da Caverna de Platão

Enir Cigognini¹

Resumo: Na República, no livro VII, Platão descreve a situação da humanidade quanto à educação ou à sua falta. Para tanto faz uso de uma alegoria, a famosa Alegoria da Caverna. Nela aparece o conceito de hábito. O presente artigo intenta demonstrar ser o hábito não um costume, mas uma disposição.

Palavras-chave: Hábito; Platão; A República; Alegoria da Caverna.

Notas introdutórias

Em sua obra “A República” (*Politeia*), Platão apresenta seu ousado projeto de pensar o conceito de justiça através da construção de uma cidade justa. No livro VII aparece a *Alegoria da Caverna*. Esta passagem, ora objeto de estudo, descreve a situação da humanidade encontrada presa em uma caverna a contemplar a realidade. Entretanto, segundo o autor, o que verdadeiramente tais seres humanos acolhem como realidade são sombras projetadas no interior da caverna. Na descrição deste experimento mental, o autor da República apresenta o processo de libertação de um desses seres: liberado dos grilhões e retirado da caverna, é forçado a olhar para o sol².

Ao descrever este homem extraído da caverna e forçado a mirar a luz, Platão afirma que ele “*precisa se habituar [...] se quisesse ver o mundo superior*”³. Com esta referência já se pode inferir que se trata de acostumar-se com a luminosidade,

¹ Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós Graduação em Filosofia Ética e Política da Universidade Federal de Pelotas – IFISP/UFPel e diretor do Instituto Superior de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas – cigoenir@gmail.com

² Aqui se trata de um aspecto relevante da Filosofia de Platão. O sol é apresentado não como astro, as enquanto metáfora do Bem em si.

³ REPÚBLICA, n. 516 a.

visto que, para isso, não seria necessário “olhar para o sol”. Trata-se, antes, da aquisição de algo por ele ainda não possuído. Uma espécie de capacidade de contemplar a realidade superior⁴. Deste modo é importante precisar e significar o que o autor da República pretendeu com o conceito de habituação.

O presente artigo pretende elucidar o conceito de habituação proposto por Platão na passagem da *Politeia* suprarreferida. Para realizar seu intento apresenta, de maneira sintética, conceitos relevantes que ajudam a desvelar o conceito de *habituação* como: *realidade* e *aparência*; *Teoria das Formas*; e a significação da palavra “hábito” utilizada por Platão.

Aparência e Realidade

O conceito de **aparência** como oposto à **realidade** já se encontra entre os filósofos antigos. A expressão **aparência** “*es una posible traducción del griego φαντασία [fantasia]*”⁵; neste sentido, remete sempre a certos aspectos acidentais de caráter enganoso. Indica também dúvida em relação a uma coisa ou mesmo, a um estado de coisas, como o ilustra um juízo igual ou semelhante a: “aparentemente está chovendo na montanha”. Em suma, poder-se-ia definir aparência como aquilo que, apenas, parece. Este conceito na Antiguidade assume caráter de ilusão no plano perceptivo e de falsidade no plano cognoscitivo⁶.

O conceito de **realidade** é bastante complexo. Na língua portuguesa, quando se fala em **realidade**, provavelmente todos “saibam” o que se está comunicando. Entretanto, ao se perguntar o significado do vocábulo **realidade**, provavelmente a resposta não será tão simples. Grosso modo, com este termo designa-se tudo que é ou possui existência determinável e cognoscível. Já na língua grega, na qual o texto foi escrito, não

⁴ Realidade dita superior em oposição à pseudorealidade: as sombras do interior da caverna.

⁵ BOERI, 2007, p. 17.

⁶ Cf. *Ibidem*.

há um vocábulo capaz de expressar o sentido sugerido pela palavra na língua portuguesa. Há, de fato, expressões que podem ser legitimamente traduzidas por **realidade**. É o caso daquelas tipicamente platônicas, como: “τὸ ὄν (o ser), οὐσία (substância), o pleonasma . “τὸ παντελῶς ὄν” (o que é plenamente) e. “τὸ ἀλεθινὸν ὄντως ὄν” (o verdadeiro é o que realmente é) ⁷.

Segundo Boeri, para Platão, o real são as Formas ou Ideais (*εἰδη, ιδέαι*). Isso leva a uma conclusão óbvia: um particular sensível é menos real que sua forma ou ideia e, neste sentido, assume caráter de **aparência**. Cabe, desta maneira, ao filósofo partir das **aparências** e, num esforço de elevação ou contemplação, buscar a **realidade** mesma das coisas.

O já dito acerca dos conceitos de **aparência** e **realidade**, a título de distinção e introdução, é suficiente para melhor perceber e compreender o conceito de habituação. Torna-se necessário agora, introduzir a ‘teoria das formas’, visto serem estas a **realidade** que urge contemplar.

Teoria das Formas

A teoria das formas (ou ideias) é um elemento-chave de toda a filosofia platônica. O presente artigo não objetiva entrar na querela das diversas interpretações acerca do tema da teoria das formas. Pretende tão somente apresentar, de maneira sumária e à guisa de introdução, elementos dela.

Platão distinguiu o saber em dois níveis: *doxa* (opinião) e *episteme* (conhecimento). Afirmações relacionadas com o mundo físico, ele as considerava uma opinião, mesmo se estivessem baseadas na lógica ou na ciência. Segundo ele, o conhecimento deriva da razão e não da experiência sensorial, embora não a ignore. De modo que, somente pelo uso da razão, chega-se ao conhecimento das formas.

Diferentemente de vários filósofos ditos pré-socráticos, que buscavam explicação e fundamentação da origem em

⁷ Idem, p. 19.

princípios sensíveis como água, ar, terra, fogo etc., Platão diz terem as formas uma realidade além do mundo físico por causa de sua perfeição, estabilidade e universalidade.

A experiência sensorial conta apenas como opinião e ainda não é conhecimento. Ele desenvolveu a chamada teoria das formas ao dar-se conta de os objetos sensíveis remeterem a ideias universais. O mundo sensível apenas oferece uma opinião do que possam ser as coisas mesmas. Assim, por exemplo, na proposição “esta caneta é azul.” tem-se em “azul” o atributo do objeto sensível caneta. Para o filósofo, este “azul” conta apartado da realidade, é uma realidade universal e imutável com existência independente da realidade sensível⁸.

Para Platão, as Ideias ou formas existem e podem ser consideradas independentes da realidade sensível. Alguns comentadores chegam a afirmar serem tais princípios⁹ mais reais que a própria realidade sensível. Volta-se aqui à distinção suprarreferida entre aparência e realidade.

Segundo Platão, o papel do filósofo é libertar-se da visão da aparência enquanto apenas aspecto da realidade mesma e elevar-se à contemplação do que se poderia chamar: os *Primeiros Princípios*, as Formas, as Ideias. A alegoria da caverna, ora objeto de análise, é a melhor descrição deste itinerário filosófico.

Alegoria da caverna

Após a distinção entre realidade e aparência e a introdução à teoria das formas, torna-se latente a entrada no texto da alegoria da caverna, para ilustrar o que, por hora, será chamado *movimento de habituação*. Designação esta bastante adequada de acordo com o texto de Platão ao descrever o homem forçado a subir a íngreme saída da caverna e, da mesma forma, olhar para o sol, atividade para a qual o referido homem não está, segundo o autor, habituado.

⁸ Cf. REALE & ANTISERI, 1983, p. 97ss.

⁹ No sentido de ideia, forma ou também arquétipo.

O diálogo platônico apresenta o personagem Sócrates¹⁰, no início do livro VII da República, descrevendo ao seu interlocutor a situação da humanidade como sendo de seres trancafiados no interior de uma caverna. A figura socrática abre o livro VII com o seguinte experimento mental: “*imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta...*”¹¹. Trata-se assim do processo educacional, ou seja, da *Paideia*. Em seguida, acrescenta Sócrates:

Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada, com uma entrada aberta para a luz, que se estende a todo o comprimento dessa gruta. Estão lá dentro desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro, no gênero dos tapumes que os homens dos ‘robertos’ colocam diante do público, para mostrarem as suas habilidades [...] ¹².

Visiona também, ao longo deste muro, homens que transportam toda espécie de objetos, que o ultrapassam: estatuetas de homens e de animais, de pedra e de madeira, de toda espécie de lavor; como é natural dos que os transportam, uns falam, outros seguem calados¹³.

Diante da tétrica descrição, o interlocutor do personagem Sócrates não se contém e exclama: “*Estranho quadro e estranhos prisioneiros são esses de que tu falas...*”¹⁴. Se surpreendeu ao interlocutor o traçado da situação daqueles

¹⁰ A figura socrática que aparece narrando a Alegoria, será chamada apenas “personagem Sócrates”, para não entrar no mérito da questão se tratar, do Sócrates histórico ou do personagem platônico Sócrates.

¹¹ REPÚBLICA, n. 414.

¹² Ibidem.

¹³ Idem, n. 115.

¹⁴ Ibidem.

homens apresentados como habitantes subterrâneos presos e imóveis, a surpresa é ainda maior quando o personagem afirma: “*Semelhantes a nós [...]*”¹⁵. Platão parece incluir, com a afirmação do personagem Sócrates, todos os homens numa situação, ao menos, semelhante.

O diálogo continua quando a figura socrática pergunta se, em tais condições, tais prisioneiros teriam visto, em relação a eles próprios, em relação aos outros e em relação aos objetos transportados, algo além das sombras projetadas no interior da caverna. Ao que é forçoso concordar, visto estarem eles prisioneiros sem mobilidade¹⁶.

A narrativa alegórica prossegue ao supor-se um possível diálogo entre os prisioneiros. Para o personagem Sócrates, tal diálogo consistiria basicamente em julgamento das sombras vistas como objetos reais, bem como a voz de algum dos transportadores de objetos seria atribuída, sem dúvida, às sombras projetadas. De maneira que, para os prisioneiros, as sombras constituem a realidade¹⁷.

Estabelecida a realidade na qual se encontram os seres humanos quanto à educação, Platão inicia a descrição do processo de libertação dos prisioneiros. Tal processo o filósofo chama de *cura da ignorância*. Assim é descrita a libertação terapêutica:

Logo que alguém soltasse um deles e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objetos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para objetos mais reais? E ainda, mostrando-lhe cada um desses objetos que passavam, o forçassem com perguntas a dizer o que era? Não te parece que ele se veria em dificuldades e suporia que os

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Cf. Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

objetos vistos outrora eram mais reais que os que agora lhe mostravam? [...] se alguém o forçasse a olhar para a própria luz, doer-lhe-iam os olhos e voltar-se-ia, para buscar refúgio junto dos objetos para os quais podia olhar, e julgaria ainda que estes eram na verdade mais nítidos do que os que lhe mostravam?¹⁸

Após apresentar os primeiros movimentos da *cura da ignorância* do libertado, Platão expõe a dificuldade do mesmo em realizar o movimento do corpo, o que remeteria à ginástica, muito embora esse movimento radical está ligado, simplesmente, ao movimento da cabeça até agora fixa e enrijecida pelos grilhões. O movimento da cabeça traz à memória a imagem da Coruja de Minerva, símbolo da filosofia que olha o todo ao redor. O movimento da cabeça da coruja contrasta com a rigidez da cabeça do prisioneiro. Este, agora livre, pretende contemplar as coisas. Por isso, deve mover-se para todos os lados, ou seja, para todos os âmbitos do cognoscível. A partir das constatações expostas, o filósofo passa a narrar o processo de saída da caverna. Tal processo é penoso pois a própria saída é bastante íngreme.

E se o arrancassem dali à força e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até à luz do Sol, não seria natural que ele se doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois de chegar à luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objetos? [...] precisava de *se habituar*¹⁹, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior²⁰.

Apresentada a dolorosa retirada do homem da habitação subterrânea, Platão inicia o que se poderia chamar de relato do processo de habituação, isso porque, como acima se disse, é necessário ao homem habituar-se para poder contemplar o mundo superior. Desta maneira, o personagem Sócrates passa a

¹⁸ REPÚBLICA, n. 515.

¹⁹ Grifou-se a expressão por ser o objeto do presente artigo.

²⁰ REPÚBLICA, n. 516.

narrar como seria possível levar, quem até então só vira sombras, à contemplação da realidade verdadeira.

Em primeiro lugar, olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objetos, refletidos na água e, por último, para os próprios objetos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, mais facilmente do que se fosse o Sol e o seu brilho de dia [...] Finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o Sol e o contemplar, não já em imagem na água ou em qualquer sítio, mas ele mesmo, no seu lugar²¹.

É apenas imaginável a reação do homem liberto da caverna. Todo o seu mundo de conhecimento se revela insipiente diante da grandiosidade do mundo superior. É interessante como, para Platão, o homem liberto possui capacidade de contemplar²² a realidade superior que ora se descortina. Embora não o afirme, ao menos na parte selecionada e citada do texto, o homem possui faculdades cognoscitivas que podem ser desenvolvidas e potencializadas.

O movimento doloroso se assemelha a uma tendência quase natural de permanecer na ignorância. Até porque, para o liberto dos grilhões da caverna, admitir que a realidade é aquilo até então ignorado significa mudança radical. É interessante observar não ser a caverna, em si, a prisão, mas existirem amarras facilmente identificáveis com os grilhões da ignorância que aprisionam o homem e não lhe permitem chegar ao conhecimento verdadeiro.

Outro aspecto digno de nota é, diante da incapacidade do homem, arrancado das sombras, de contemplar a luz, mostrar-lhe imagens refletidas na água. Embora ainda não sejam a realidade, diferem radicalmente das sombras vistas no interior da caverna, pois são reflexo do que é. E, ainda, há presença e ação de alguém capaz de libertá-lo dos grilhões,

²¹ Ibidem.

²² Utilizado aqui como sinônimo de conhecimento.

arrancando-o da caverna e forçando-o a contemplar a realidade. Assim, torna-se necessário aprofundar o conceito de habituação.

O conceito de Habituação

Do pensamento de Platão analisado até aqui pode-se concluir que o homem arrancado das trevas da ignorância e conduzido à luz da realidade superior precisa se habituar para contemplar tal realidade.

Fica claro na alegoria poder o mundo da caverna facilmente identificar-se apenas com a aparência, ao passo que os objetos reais podem ser pensados como a realidade mesma. Num segundo momento, a teoria das formas leva o filósofo a perceber que a vida do senso comum, como hodiernamente se pode afirmar, passa-se no interior de uma caverna, vendo sombras de cópias da realidade. É, ainda, verdade para Platão, aplicando-se a referida teoria, ser a realidade, que o homem habitua-se a contemplar, aquela das Formas ou Ideias.

Na alegoria, o homem é forçado a olhar para o sol. A um homem do século XXI pareceria estranho, com toda a moderna tecnologia astronômica alguém tentar olhar para o sol. No entanto, o sol, pensando-se em termos de teoria das formas, nada mais é senão o símbolo do Bem em si. Da necessidade de habituar-se para contemplar o Bem em si - o sol - segue-se uma distinção necessária do vocábulo *hábito*.

Etimologicamente, há de se considerar, ao menos, duas concepções da palavra na língua portuguesa. Primeiro existe o hábito enquanto costume²³. Mas, não parece ser esta a intenção de Platão, isso porque se trata de contemplar o Bem em si e não acostumar-se a olhar para a luz do sol. Uma segunda interpretação do hábito²⁴ o avalia enquanto disposição interna para algo. No caso do homem da caverna, uma disposição interna a ser adquirida pelo processo educacional, permitindo-

²³ Embora a obra **Paideia** de Werner Jaeger o sugira ao referir-se ao texto.

²⁴ Ideia de disposição de caráter.

lhe contemplar o Bem em si. A expressão platônica é tomada, neste artigo, no segundo sentido.

Ao defender a necessidade de o homem se habituar, Platão está pensando no processo educacional. Não no processo como um todo, mas no processo educacional do filósofo, no contexto da Politeia. O filósofo é, de um lado o ser arrancado da caverna e, de outro, o responsável por arrastar outros para fora da habitação subterrânea. No projeto platônico da República, será outorgado a alguns guardiões, os filósofos, a tarefa de governo, numa identificada sofocracia, e, para tanto, a educação deles é fundamental para que a cidade seja justa.

A habituação no processo de contemplar o Bem em si é, no fundo, uma educação do caráter pois, após habituado, o homem terá o Bem como medida de todas as coisas. Este Bem é universal e, por isso, servirá de regra para todos os casos da ação humana. Vê-se, neste aspecto, para Platão, não poder existir uma inferência do que seja o justo analisando cada caso particular, como o postulavam os sofistas. Trata-se antes de uma contemplação, tomada aqui como conhecimento do que seja o Bem, pautador de todas as ações.

Como outro aspecto relevante da filosofia platônica do hábito, pensado como educação para o Bem, poder-se-ia apontar uma adequação à verdade e à universalidade. O conhecimento do universal leva, necessariamente, à ação imparcial e justa. Que dizer, então, da ação injusta? Com o já afirmado, infere-se que, a ação injusta só pode ser fruto da ignorância de um homem ainda vivendo e admirando-se com as sombras que constituem a sua realidade. Daí a necessidade do filósofo de retornar à habitação subterrânea, sob risco de morte e libertar os demais. Essa libertação é dada, inicialmente, pelo conhecimento da própria condição.

O conhecimento, em Platão, visa a transformar o sujeito cognoscente. Isto fica patente no fato de o retirado da caverna, embora com resistências e desejos de retorno, ao menos no início, habituar-se e não retornar à visão das sombras das imagens, ou seja, da aparência.

Retomando o fato de ter o personagem Sócrates iniciado a narração, anunciando que trataria da natureza dos homens quanto à educação ou à sua falta, observa-se que o hábito, na educação da classe dos guardiões futuros governantes da cidade, não corresponde, embora faça parte, à ginástica que parece estar ligada à dor dos movimentos do corpo acostumado à estagnação prisional. Estaria vinculado ao universo propriamente filosófico, ao esforço por libertar-se dos grilhões da ignorância, a qual leva, segundo Platão, a ações injustas.

Em suma, o caminho para este processo educacional é a habituação, ou seja, habituar-se para, em última análise, fazer Filosofia que, em Platão, é contemplar os Primeiros Princípios, as Formas perfeitas, universais e imutáveis do universo de coisas sensíveis que se mostram, apenas, como aparência da realidade mesma.

Considerações finais

O autor da Politeia, no texto supracitado, inicialmente, faz analogia entre visão e conhecimento. Para o último acontecer, são necessários três elementos essenciais: a visão, enquanto faculdade de conhecer; os objetos a serem vistos, objetos do conhecimento e, por fim, a luz que permite a faculdade de conhecer o conhecimento.

Conhecer a verdade é ver com os olhos da alma ou, dito de outro modo, com os olhos da inteligência. Assim como o Sol dá sua luz aos olhos e às coisas para haver mundo sensível, assim também a Forma suprema, a Forma de todas as Formas, o Bem (isto é, a perfeição em si mesma) dá à alma e às Formas sua perfeição para haver mundo inteligível. Assim como a visão é passividade e atividade do olho, assim também o conhecimento é passividade e atividade da alma: passividade, porque a alma precisa receber a ação das ideias para poder contemplá-las; atividade, porque essa recepção e contemplação constituem a própria natureza da alma.

O processo educacional ou de habituação é, para os gregos, um processo doloroso. Provavelmente há ligação com o fato de utilizarem-se formas de violência pelos mestres. No contexto atual, embora ainda possam existir tais atos, são raros e, possivelmente, os mais corriqueiros ocorram com o chamado Bullying. Tais atos não redundam em conhecimento. Deste modo, é importante analisar a dor dos movimentos como as dores de parto. São dores produtoras de algo novo. No caso da alegoria, são dores que conduzem à libertação integral do ser humano no referente ao conhecimento.

Quanto ao conhecimento, é necessário ressaltar que, da filosofia platônica explorada no presente artigo, ele visa à transformação. Ousa-se afirmar que, para o autor da República, um conhecimento constituído como acúmulo mental não teria sentido algum, visto o conhecimento levar o homem a agir de modo justo. Atualmente, diante de tantas honrarias conferidas a articuladores de informações, a memórias brilhantes, convém lembrar que, em termos de habituação, honrar tais “conhecedores” é conferir glórias e prêmios aos melhores identificadores de sombras no fundo da caverna. Por já terem acumulado tantas imagens de sombras, já as distinguem com grande agilidade, muito embora continuem trancafiados. São seres humanos encaixados perfeitamente na célebre frase de Goethe: *“Quem, de três milênios, não é capaz de se dar conta, vive na ignorância, na sombra, à mercê dos dias, do tempo”*.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOERI, Marcelo. **Aparencia y realidad en el pensamiento griego**. Buenos Aires: Colihue, 2007.

Dizionario delle Idee. Firenze: Sansoni Nuova, 1977.

FERNÁNDEZ, Clemente. **Los filósofos antiguos – selección de textos.** Madrid: BAC, 1974.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARLTESE, Enrico V., **Platone – tute le opere.** Roma: Grandi Tascabili Economici Newton, 1997.

OHLWEILER, Otto Alcides. **A religião e a filosofia no mundo greco-romano.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

PLATÃO. **A República.** Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkian, 2001.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. **Il pensiero occidentale dalle origini ad oggi.v. 1.** Brescia: Editrice La Scuola, 1993.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1972.

***Abstract:** In the Republic, book VII, Plato describes the situation of humanity with regard to education or its lack. To do so use an allegory, the famous Allegory of the Cave. In it appears the concept of habit. This article intends to demonstrate being the habit not a habituate, but a disposition.*

***Keywords:** Habit; Plato, The Republic; Allegory of the Cave.*
